

INTRODUÇÃO

«VENHO HUMILDEMENTE...»

Venho humildemente colocar-me perto de cada um de vós como um irmão, um amigo, um pai e um discípulo de Jesus Cristo. E venho para meditar convosco sobre o dom maravilhoso que recebestes: o sacerdócio. Jesus Cristo faz-nos participar de forma extraordinária e gratuita no seu sacerdócio.

Na Igreja, os dias de ordenação sacerdotal são dias de festa. Que alegria é ver os jovens sacerdotes entregarem-se ao Senhor! Quem nunca admirou a alegria profunda estampada nos rostos enrugados e cansados dos padres mais velhos que durante tantos anos foram fiéis? O ministério sacerdotal é fonte de alegria porque consiste em dar a vida divina e em conduzir as almas para o Céu, para a alegria perfeita.

Contudo, nos tempos que correm, a sombra da noite paira sobre a vida dos sacerdotes. Não há semana em que não se saiba de um caso de abuso sexual ou de corrupção. Temos de encarar a verdade de frente: o sacerdócio parece vacilar. Alguns sacerdotes fazem lembrar marinheiros num navio violentamente sacudido pela tempestade. Tergiversam e gaguejam. Como podemos deixar de nos interrogar ao

ler alguns relatos de abuso de crianças? Como é possível não duvidar? O sacerdócio, o seu estatuto, a sua missão, a sua autoridade foram postos ao serviço do que há de pior. O sacerdócio foi instrumentalizado para dissimular, velar e mesmo justificar a profanação da inocência das crianças. A autoridade episcopal foi por vezes utilizada para perverter e mesmo quebrar a generosidade daqueles que queriam consagrar-se a Deus. A procura da glória mundana, do poder, das honrarias, dos prazeres terrenos e do dinheiro infiltrou-se nos corações de sacerdotes, bispos e cardeais. Como podemos suportar tais factos sem estremecer, sem chorar, sem nos pormos em causa?

Não podemos agir como se nada se passasse. Como se tudo isso fosse apenas um acidente de percurso. Temos de encarar o mal de frente. Porquê tanta corrupção, tanto desvio e tanta perversão?

É legítimo que nos peçam contas. É legítimo que o mundo nos diga: «Vocês são como fariseus, que dizem e não fazem» (cf. Mt 23, 3). O povo de Deus olha com suspeita para os seus sacerdotes. Os descrentes desprezam-nos e desconfiam deles.

Há quem se interroge sobre se o próprio sacerdócio não estará em causa. Surgem aqui e ali propostas para mudar a instituição, renová-la, modernizá-la. Todas essas iniciativas seriam legítimas se o sacerdócio fosse uma instituição humana. Mas não fomos nós que inventámos o sacerdócio – ele é um dom de Deus. Não se reforma um dom divino sobrecarregando-o com as nossas ideias humanas para o conformar com os gostos do momento. Pelo contrário, restauramo-lo desembaraçando-o das camadas de cal que impedem o original de revelar o seu esplendor.

Infelizmente, há quem tenha utilizado o sacerdócio para satisfazer a sua vontade de pecar. E assim foi deturpado o sentido da ordenação sacerdotal. Até o sentido das palavras foi pervertido. Assim, quando se diz que o sacerdote é identificado com Cristo a ponto de se tornar «outro Cristo», nunca se dá a essa afirmação um sentido psicológico. O sacerdote não é de maneira nenhuma todo-poderoso. Não lhe devemos uma obediência cega. Ser identificado com Cristo não confere nenhum direito a controlar ou a satisfazer os seus caprichos. Pelo

contrário, ser outro Cristo obriga a ser o mais pequeno dos servos, ser outro Cristo obriga a um casto e infinito respeito por todos, ser outro Cristo obriga-me a subir à Cruz. A ordenação não nos coloca num trono, mas na Cruz. Não deixemos que alguns perversos nos roubem as palavras tão belas e tão exigentes da tradição cristã. A identificação mística e espiritual do sacerdote com Cristo não conduz a nenhum abuso quando é vivida em verdade. Não tenhamos receio de voltar a atribuir a estas palavras tão exigentes o seu sentido profundo.

O sacerdócio obriga-nos a resplandecer de santidade. «Efetivamente», como afirma São João Crisóstomo, «a alma do sacerdote deve ser mais pura do que os raios de Sol, para que o Espírito Santo nunca o abandone, para que ele possa dizer: “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim”»¹.

O sacerdócio é o bem mais precioso da Igreja. Ele deve irradiar pelo mundo a luz e a santidade de Deus. Não há santificação possível sem o sacerdócio, «porque, tal como sem o Sol nenhuma luz se ergueria na Terra, assim também sem o sacerdócio não chegaria até nós nenhuma graça e nenhuma santidade da Igreja. O Sol espalha pelo mundo os seus raios luminosos; o sacerdócio opera em todos, prodigaliza os seus dons e por todos espalha o perfume da santidade. Porque o fim para o qual ele foi instituído por Cristo é o de que a Igreja receba dele toda a sua santificação, toda a sua beleza, todo o seu esplendor»².

É evidente que a santidade que deve resplandecer no sacerdote vem da santidade de Deus. Os sacerdotes devem tornar-se perfeitos e santos à semelhança de Jesus Cristo. Assim, enquanto sacerdotes, precisamos de trabalhar para adquirir todas as virtudes humanas e cristãs que permitem que nos configuremos realmente com Cristo e nos pareçamos com Ele. Efetivamente, como nos exorta São Gregório de Nis-

¹ *Sur le Sacerdoce*, VI, 2, 8-9.

² *La Tradition Sacerdotale: Études sur le Sacerdoce*, Bibliothèque de la Faculté Catholique de Théologie de Lyon, vol. 7, Le Puy, Éditions Xavier Mappus, 1959, cf. pp. 170 e segs.

sa, «se consideramos, por um lado, que Cristo é a verdadeira luz, estranha a qualquer mentira, compreendemos que a nossa vida também deve ser iluminada pelos raios da Verdade. As virtudes são os raios do Sol da Justiça que brilham para nos iluminar, a fim de que rejeitemos as atividades das trevas e nos comportemos honestamente tal como se faz em pleno dia. Recusemos as dissimulações vergonhosas, façamos tudo às claras; então, tornar-nos-emos nós luz para podermos iluminar os outros, tal como é próprio da luz. E, se considerarmos que Cristo é a nossa santificação, abster-nos-emos de qualquer ação e qualquer pensamento profano e impuro; assim mostraremos que participamos verdadeiramente no seu Nome, professando com a nossa vida, ou seja com prática e não só com palavras, o seu poder santificador³».

Eis a situação do sacerdócio. Cristo Jesus deu-nos um belíssimo ícone, luminoso e claro, do seu ser sacerdotal. O sacramento da Ordem é esse ícone de Jesus, Sumo Sacerdote. Mas os nossos compromissos com o mundo adicionaram camadas de tinta de qualidade medíocre à obra de arte divina. E ela perdeu o seu esplendor. Importa portanto restaurá-la, e para isso é preciso raspar essas camadas para chegar ao original. Foi a essa obra reformadora, de regresso à forma querida por Deus, que quisemos convidar com Bento XVI quando publicámos *Do Fundo dos Nossos Corações*⁴. Nesse livro, cada um de nós abriu caminhos para uma restauração de um modo de vida plenamente sacerdotal para os sacerdotes. Algumas propostas eram audaciosas. Infelizmente, só foram retidas dessas linhas as interpretações mais polémicas e políticas. Contudo, o livro encontrou um leitor atento e benevolente na pessoa do Papa Francisco, que não cessou de convidar os sacerdotes a uma restauração do seu ser mais profundo. Pedindo-nos que rompamos com a autorreferencialidade, o Papa convida-nos a redescobrir um sacerdócio que não nos remeta para si mesmo, mas que seja verdadeiramente um ícone de Cristo-Sacerdote.

³ «Traité sur la Perfection Chrétienne», in *La Liturgie des Heures*, t. 3, Cerf-Desclées de Brouwer-Mame, 1980.

⁴ Cardeal Robert Sarah com Bento XVI/Joseph Ratzinger, *Do Fundo dos Nossos Corações*, Cascais, Lucerna, 2020.